

**PLANO DE AULA/EXPOSIÇÃO DE FOTOS
ESTÁGIO CURRICULAR SUPERVISIONADO III**

ESCOLA-CAMPO: Villa Lobos	UNIDADE ACADÊMICA: FAFIL
NOME DA DISCIPLINA: Filosofia	
CURSO: Ensino Médio	DATA:
RESPONSÁVEL: Hercules Garcia da Silva Neto	
CARGA HORÁRIA: 45 minutos (no caso de aula)	
EMENTA: Bioética. “Princípio da igual consideração dos interesses” de Peter Singer. Justiça ambiental no Brasil.	
OBJETIVO GERAL: Questionar o consumo extravagante e consequências de degradação do meio ambiente a partir de Peter Singer.	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: - Voltar atenção das pessoas ¹ estudantes aos conflitos e violência ambientais; - Apresentar algumas ideias centrais da obra <i>Ética Prática</i> de Peter Singer; - Articular debate entre o que Singer denomina “tradição dominante” e o que ambientalistas brasileiras chamam “comunidades tradicionais”; - Motivar a comunidade escolar para um projeto próprio de exposição/pesquisa em prol da “defesa da qualidade do meio ambiente” (v. lei nº 9.795/99, art. 5º, IV e art. 13);	
CONTEÚDO PROGRAMÁTICO: 1. Ética ambiental 1.2. “Igual consideração dos interesses” de Peter Singer 1.3. Conceitos singerianos de “especismo” e “pessoa” 2. (In)justiça ambiental no Brasil 2.1. Meio ambiente enquanto “herança mundial” para as “futuras gerações”	
PROBLEMÁTICA: Segundo Singer (2002, p. 300), os princípios éticos ou morais de determinada sociedade interferem nas condições sob as quais será mantida tal sociedade. Ele alega ser “quase uma tautologia” esse raciocínio, já que uma sociedade não sobreviveria sem que fossem determinados tais padrões de comportamento. Hoje, é possível perceber no mundo um liberalismo exacerbado, que preza pelos interesses individuais, até mesmo de grupos, com base em princípios do ‘comportamento econômico’. Seguindo aquele raciocínio de Singer, o mundo da economia, então, ‘não sobreviveria’ sem que a economia fosse ‘alimentada’ devidamente, e para que isso ocorra é preciso consumir. O igual tratamento de interesses entre a <i>Homo sapiens</i> e outras espécies é ainda	

¹ O termo “pessoa” – além da conceituação de Singer –, é usado aqui, sintaticamente, sempre em sentido *substantivo*, e quando houver um termo acompanhante ou que implique o substantivo “pessoa”, este termo será em função *adjetiva*; p. ex. “a pessoa estudante” ou “a estudante” – isto para que se mantenha a norma culta da língua portuguesa sem polemizar diretamente as prementes questões de gênero e afins.

“tabu”. Vive-se com base numa tradição que hierarquiza tudo que existe (ou que se supõe existir) em função d’o homem’. Caso se proponha discussão desses valores *relativos* (uma vez que se originam situadamente na história, embora com algum resquício de ‘universalidade’), possivelmente haverá alguma violência ou resistência ao debate. Este foi o caso de Singer, na Alemanha, tal como relata em sua obra, à época de um convite para discutir eutanásia: uma conferência fora cancelada pela revolta de opiniões conservadoras que afirmavam p. ex. que “a singularidade da vida humana exclui qualquer possibilidade de comparação – ou, mais especificamente, de equiparação – entre a existência humana e outros seres vivos, com suas formas de vida ou interesses” (2002, p. 3). Outro exemplo desse tipo de reação contrária ao debate de ideias foi o recente caso de Judith Butler, aqui no Brasil, ao participar de um seminário sobre política, em que foi recebida com uma “petição [que] afirma que a filósofa propõe a destruição da identidade humana por meio da desconstrução da sexualidade”². Ambos os exemplos podem evidenciar o antropocentrismo radical da tradição ocidental – por sinal, salientada por Singer em *Ética Prática* – imbrincado nas ideias de “singularidade” ou de “identidade humana”. Ambas as temáticas ‘colocam o dedo na ferida’ de décadas ou séculos de uma construção sociocultural particular.

Toda classificação filosófica, científica ou religiosa considerada dominante visa ora a espécie humana, ora determinada “raça” da espécie como beneficiária exclusiva de tudo que existe, isto é, Deus criou o mundo ou o *Big Bang* veio a ocorrer apenas em função d’o homem’ ou *Homo sapiens* ou a ‘mais elevada’ forma de inteligência. Com valores assim é que comunidades tradicionalmente dominantes puderam fundamentar falsamente ‘direitos’ de virem a *possuir* territórios ou comunidades inteiras consideradas ‘menores’ ou de uma “raça” ‘menos inteligente’. Um paradoxo, então, pode ser percebido: um sistema cultural se baseia em valores ditos ‘eternos’ e inestimáveis para a imaginação humana enquanto procura benefícios ou saneamento de problemas a *curto prazo*, em detrimento de uma valorização do próprio ambiente em que se vive e dos outros organismos envolvidos, pois estes – na melhor das hipóteses radicalmente antropocêntricas – só deveriam ter seus próprios interesses considerados em função da preservação da espécie humana; em outras palavras, ‘a humanidade’ é considerada tão ‘valiosa’ que a natureza só serviria aos prazeres mais imediatos de uma parte da espécie.

Diante desse quadro problematizado por pessoas como Singer, o que fazer para que mentalidades da espécie humana considerem outras espécies ou comunidades – não propriamente por suas especificidades ou diferenças, mas à medida que também se constituem de “pessoas”, de seres sencientes ou conscientes (com seus próprios interesses em não sofrer)? Como discutir, isto é, como eliminar a animosidade e a indiferença no trato coletivo com essas questões? Preservar o meio ambiente – condição primordial para manutenção de vidas (futuras até) – não equivaleria a uma das condições essenciais de formar ‘cidadania’ ou pessoas que participem da experiência na e fora da cidade de modo minimamente *responsável*? Bem, no Brasil já temos toda uma legislação versando sobre a importância de uma “educação ambiental”, como a lei nº 9.795/99, mais conhecida como PNEA (Política Nacional de Educação Ambiental) e a nº 6.938/81 (Política Nacional de Meio Ambiente). No entanto, só o regulamento de instituições e atitudes jamais será suficiente para que o contato dessa noção da importância ambiental com as mentalidades escolares e seu exercício sejam feitos. É imprescindível mostrar às estudantes como a bioética pode rejeitar o consumo

² Disponível (e acessado a 29/4/2018) em: <https://epoca.globo.com/cultura/noticia/2017/11/filosofa-judith-butler-e-agredida-em-congonhas-antes-de-deixar-sao-paulo.html>.

extravagante.

METODOLOGIA:

- EM SALA (45 MINUTOS)

A aula será iniciada com transmissão da montagem de vídeos³, fotografias e fragmentos textuais da obra de Singer, relacionados a *conflitos socioambientais* ocorridos no Brasil e ao *desrespeito* para com a natureza – com brevíssimas intervenções para introduzir a relação das ideias – de “valor das florestas” (2002, p. 286), de “preservação das áreas verdes” (*id.* p. 287) e de “consumo desnecessário” (2002, p. 303) – com a montagem. Em seguida, será proposto um exercício em que as estudantes formem de cinco a sete grupos para formularem, conjuntamente por escrito, respostas sucintas às seguintes questões ou enunciados: i. Relacionar alguma das “comunidades tradicionais” do mapa FIOCRUZ com a “tradição ocidental dominante”. ii. O que pode gerar conflitos socioambientais? iii. Que tipo de valor o casal assassinado na Amazônia dava às castanheiras? iv. Por que o casal foi assassinado na Amazônia, segundo a reportagem vista? v. Qual a principal intenção das pessoas que perseguem ambientalistas? vi. Por que devemos preservar nosso meio ambiente? vii. Relacione o tempo de destruição/consumo da castanheira com o tempo que ela levou para se formar. Após essa etapa, as respostas serão trocadas entre os grupos, aleatoriamente, para que cada grupo leia em voz alta a pergunta ou enunciado, a resposta dado pelo outro grupo, e proponha alguma complementação ou crítica à resposta, com base em suas observações da montagem/aula. Por fim, estamos a estudar a proposta de uma exposição (continuada) feita pelas próprias estudantes sobre a degradação socioambiental, envolvendo o presente projeto, em algum evento já programado (se houver) ou a ser possivelmente promovido a partir das intervenções estagiárias, como um ‘jornal’ ou um ‘mural’, p. ex. – o que poderia ser iniciado ‘em casa’, individualmente, para então, coletivamente, ser montado/apresentado em algum espaço da escola caso houvesse tempo para tal, com o principal intuito de sensibilizar a adolescência em suas relações próprias, e nas da comunidade em que vivem, com a natureza.

O tempo da aula deve seguir essa ordem:

12 minutos: Transmissão de montagem com intervenções;

15 minutos: 1ª etapa do exercício;

15 minutos: 2ª etapa do exercício;

3 minutos: Proposta de continuação da exposição.

- EXTRASSALA (? MINUTOS)

Transmissão da montagem; apresentação dos mapas da sociedade brasileira em conflito (FIOCRUZ) e das ideias de Singer; dinâmica: simulação de debate entre ‘especistas’ e ‘ambientalistas’ – com a ressalva de que isso não necessariamente envolva a posição pessoal de cada pessoa no exercício – (a depender da quantidade de pessoas, montar dois grandes grupos dispostos a apresentarem as ideias divergentes da espécie humana como “tabu” e como sendo tratada proporcionalmente com relação ao ambiente em que vive e as demais espécies envolvidas; para articularem as incoerências

³ Os cortes feitos envolvem os vídeos intitulados ‘Ambientalistas são executados por defender a Amazônia’ (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9Ge9pBazi34>), ‘Brasil lidera ranking de assassinatos de ativistas ambientais’ (em: <https://www.youtube.com/watch?v=grnxA0enkU>) e ‘Mapeamentos dos conflitos ambientais no Brasil’ (em: <https://www.youtube.com/watch?v=Po2NQ3j4QiQ>).

e paradoxos na primeira posição e os possíveis e, talvez, persistentes problemas ocasionados pela segunda); por fim, propor uma exposição feita pelo alunado, com intuito de causar “um olhar de estranhamento diante do mais habitual [que têm se tornado a degradação ambiental e a poluição urbana]” (v. SANTI, 2015, p. 233).

RECURSOS DIDÁTICOS:

- Lousa (para escrever frase de impacto: ‘Preservar o meio ambiente exige um consumo consciente’!)
- Fotografia, vídeo e texto filosófico (montagem)
- *Datashow* e *internet* (para exibição e busca do *Mapa de Conflitos* – FIOCRUZ)

AVALIAÇÃO:

- Continuada (antes, durante e após o compartilhamento do projeto entre as professoras supervisoras e estagiárias) e processual (no decorrer da apresentação e diálogo em sala, no sentido de tornar possível uma sondagem a respeito da visão das pessoas em sala sobre a temática, enquanto será buscada “a possibilidade de se elaborar, a partir da ‘leitura filosófica’ de um texto [uma imagem, vídeo, fragmento], uma língua menor, um código *ad hoc*, que estruturando a discussão permita o ‘trabalho do pensamento’” (FABRINNI, 2005, p. 23).

BIBLIOGRAFIA:

FABRINNI, R. N. O Sentido Formativo da Filosofia. *In: Revista Trans/Form/Ação* do Departamento de Filosofia da Universidade Estadual Paulista, V. 28 (1), 2005.

MELLO, S. S.; Trajber, R. *Vamos cuidar do Brasil: conceitos e práticas em educação ambiental na escola* – Brasília: Ministério da Educação (MEC), Coordenação Geral de Educação Ambiental: MMA, Departamento de Educação Ambiental: UNESCO, 2007.

SANTI, A. Filosofia da Educação como Filosofia da Imagem: Considerações sobre o Analfabetismo Docente em um Tempo Saturado de Tensões. (IV Parte, pp. 215-40) *in*: MAIA, L.; SANTI, A.; VITTORIA, P. (orgs.). *FilosofiaS da educação*. Curitiba: Appris, 2015.

SINGER, P. *Ética Prática*. Trad. Jefferson Luiz Camargo – 3ª ed. SP: Martins Fontes, 2002.